

GILLES LIPOVETSKY

FR**NTEIRAS**
DO PENSAMENTO

TEMPORADA 2017

Expediente

Fronteiras do Pensamento® Temporada 2017

Curadoria

Fernando Schüler

Direção Comercial

Pedro Longhi

Coordenação Editorial

Luciana Thomé

Marketing

Karina Roman

Equipe

Denise Donicht
Francisco Azeredo
Michele Marten

Pesquisa

Juliana Szabluk

Editoração e Design

Lampejo Studio

Revisão Ortográfica

Renato Deitos

www.frenteiras.com

CIVILIZAÇÃO

A SOCIEDADE E SEUS VALORES

O *Fronteiras do Pensamento*, em seus 10 anos de história e mais de duas centenas de conferências internacionais realizadas, traz ideias, fomenta debates e estimula a inquietação e o questionamento, apontando os caminhos para as **questões fundamentais da atualidade**.

Desde 2007, o projeto oportuniza um espaço para a discussão a respeito do mundo em que vivemos e daquilo que está ao nosso alcance fazer pelo nosso futuro. A cada temporada, a série de encontros com **intelectuais reconhecidos em suas áreas** de atuação concretiza o objetivo de promover educação de alta qualidade, enaltecendo preceitos como liberdade de expressão, diversidade geográfica e pluralidade de ideias.

Em 2017, o projeto realiza oito eventos internacionais com renomados pensadores para discutir o que nos conecta enquanto civilização. O tema da temporada é **Civilização – A sociedade e seus valores**. O conceito de civilização está representado no conjunto que nos define e que, em momentos de crise e a partir dele, pode gerar novas ideias.

Muitos são os valores que ditam ritmos, constroem relações e determinam minúcias e grandezas em nosso mundo. Na **CIÊNCIA**, uma teoria física que ousa conceber um espaço-tempo onde o infinito não existe. A respeito da **LEVEZA**, a discussão sobre o culto contemporâneo à felicidade em contraposição à rotina veloz que enfrentamos. O olhar da literatura como forma de disseminar a **COMPAIXÃO** e a **MEMÓRIA**, retratando conflitos e conquistas a partir do olhar do outro. A busca por **IGUALDADE** e por condições justas a todos. A importância do **DINHEIRO** e o peso que ele representou para o progresso e a modernidade ao longo da história. Cada um com sua **IDENTIDADE**, analisada a partir do espelho que ressalta nossas diferenças e nossas semelhanças. Cada um em sua busca por **DIGNIDADE**, construindo um novo cenário a partir das nossas diferenças e semelhanças. Quando o que mais ansiamos é um futuro de **LIBERDADE**.

Valores que, por meio dos conferencistas internacionais convidados e dos temas que serão apresentados, o *Fronteiras do Pensamento* vai resgatar, analisar e debater.

CONFERENCISTAS

TEMPORADA 2017

GILLES LIPOVETSKY

(França, 1944)

Filósofo francês. Teórico da hipermodernidade, é um dos pensadores mais originais da atualidade. Em seus livros, aborda temas como individualismo contemporâneo, ética, moda e consumo.



Com o hedonismo, as sociedades contemporâneas entram numa civilização em que a moral heroica ou sacrificial não tem mais legitimidade. Não se quer mais expor a vida por uma causa, ideológica, política ou religiosa. A vida tem mais valor do que as causas.

Lipovetsky é um dos pensadores mais originais da atualidade. Graduado em Filosofia pela Universidade de Grenoble, recebeu o título de doutor *honoris causa* de universidades do Canadá, Bulgária, Portugal, México, Colômbia e Brasil. Teórico da hipermodernidade e da pós-modernidade, é considerado um intelectual de referência para os temas da moda e do consumo.

É autor de *best-sellers* como *O império do efêmero – A moda e seu destino nas sociedades modernas*, *A era do vazio – Ensaio sobre o individualismo contemporâneo* e *O crepúsculo do dever – A ética indolor dos novos tempos democráticos*. Seus livros foram publicados em vários países e traduzidos para mais de 18 idiomas.

DESTAQUES

Atualmente, é professor de Filosofia na Universidade de Grenoble. No governo francês, foi membro do Conselho Nacional de Currículo até 2005 e integra o Conselho de Análise da Sociedade, órgão de apoio ao primeiro-ministro francês e presidido pelo filósofo francês Luc Ferry. Em 2003, recebeu a condecoração de Cavaleiro da Legião de Honra.

Gilles Lipovetsky acredita que a consagração do bem-estar triunfa na sociedade pós-moderna. Lançado no Brasil em 2016, seu mais recente livro, *Da leveza – Rumo a uma civilização sem peso*, aborda o culto contemporâneo à felicidade em contraposição à rotina veloz e exigente que enfrentamos.



Em seu mais recente livro publicado no Brasil, Lipovetsky segue em seu trabalho de refletir sobre os aspectos mais comuns da vida cotidiana. Em *Da leveza – Rumo a uma civilização sem peso*, ele defende que o conceito de leve invadiu o nosso cotidiano e transformou o nosso imaginário. No entanto, os imperativos de uma vida cheia de leveza – dietas, desintoxicações, desaceleração, alívio do estresse, busca do zen – vêm acompanhados por demandas exigentes, com efeitos exaustivos e desgastantes, por vezes deprimentes.

Considerado um dos gurus da pós-modernidade, é o teórico da hipermodernidade, termo cunhado por ele em referência à exacerbação dos valores criados na modernidade. É um dos intelectuais mais representativos da cultura “pós-moralista”, baseada no predomínio do individual sobre o universal e na diversificação total das condutas sociais. Segundo o filósofo, a marca da ética é mostrada em toda parte, mas o estímulo de sacrificar os próprios interesses em prol do outro é algo raro.

No Brasil, o filósofo francês publicou vários títulos: *A estetização do mundo*, *A cultura-mundo*, *O império do efêmero*, *O luxo eterno*, *Metamorfoses da cultura liberal*, *O crepúsculo do dever*, *Os tempos hipermodernos*, *A felicidade paradoxal*, entre outros. Em *A era do vazio*, analisa uma sociedade pós-moderna, marcada, segundo ele, pelo desinvestimento público e pela perda de sentido das grandes instituições morais, sociais e políticas.

Em entrevista ao jornal *O Globo*, em novembro de 2016, Lipovetsky explicou que o paradoxo do mundo da leveza é que ele produz um mundo cada vez mais pesado. Abordando temas como a eleição de Donald Trump, o hiperconsumismo e o hiperindividualismo, ele falou sobre o livro mais recente e as mudanças que afetaram o mundo nos últimos 50 anos.

<https://is.gd/Lipovetsky1>

<http://oglobo.globo.com/cultura/livros/gilles-lipovetsky-as-pessoas-sonham-com-uma-existencia-mais-leve-20513130>



Lipovetsky foi o entrevistado do primeiro episódio de uma série sobre o valor da liberdade, produzida pela Fundação Francisco Manuel dos Santos de Portugal. Em seu trabalho, ele repensa o superficial e o contemporâneo e afirma que fazer aquilo de que gostamos é a forma suprema de liberdade.

<https://is.gd/Lipovetsky2> (legendado)

<https://www.youtube.com/watch?v=jNNOzJgCUb8&t=218s>

A felicidade pode ser alcançada em pequenos momentos da vida. Não podemos estar felizes o tempo inteiro, até porque dependemos dos outros para isso. Sofremos, por exemplo, porque a pessoa por quem estamos apaixonados olha para outra pessoa, porque nossos filhos nos trazem problemas, porque nosso chefe é cruel. Não podemos fazer nada quanto a isso, são questões que vêm do exterior. Não podemos controlar a felicidade, porque não temos como controlar os outros. Controlamos alguns aspectos, mas nem tudo! A felicidade, muitas vezes, nos escapa. Se perdermos alguém que amamos, como fazemos? São momentos que fazem parte da vida e que são impossíveis de eliminar.
(Globo Universidade, outubro de 2012)

AINDA SOMOS MODERNOS?

POR GUSTAVO COELHO

Bacharel, Licenciado e Mestre em Filosofia pela UFRGS e professor do Colégio Israelita Brasileiro.

Gilles Lipovetsky é o autor de uma tese amplamente discutida nos últimos anos acerca da época em que vivemos: a de que ela é o resultado não de uma superação do mundo moderno, e sim de um aprofundamento, acelerado pelo avanço da globalização e das tecnologias da informação, dos próprios pilares da modernidade. Se o mundo moderno foi o responsável por estruturar o Ocidente a partir da economia de mercado, da busca pela eficiência técnica nos mais variados setores de produção e a partir do ideal iluminista de autonomia do indivíduo contra toda forma de autoridade, sobretudo a da tradição, hoje vivemos em uma sociedade de hiperconsumo amplamente tecnológica em que nossa relação com o mundo é mais profundamente individualizada do

que nunca. É nesse sentido que, para Lipovetsky, a sociedade atual deve ser chamada de “hipermoderna”, e não mais de “pós-moderna”. Iniciada na segunda metade do século XX e caracterizada por diversos pensadores sociais como um período de *ruptura* com a modernidade, sobretudo com a confiança tipicamente moderna na razão humana e na ideia de progresso histórico que essa confiança encorajava, a chamada “pós-modernidade” deveria ser tomada, para Lipovetsky, como uma fase de transição rumo à hipermodernidade.

MODERNIDADE E “PÓS-MODERNIDADE”

Traço característico da modernidade, a confiança na razão como meio de assegurar o progresso não apenas tecnológico, mas também social, estava amparada em uma ampla gama de fenômenos que moldaram o mundo moderno. A Revolução Científica dos séculos XVI a XVIII jogou por terra uma visão de mundo que havia dominado o Ocidente por mais de 2 mil anos e que dava suporte a teses caras à Igreja Católica, centro do poder político ocidental ao longo de toda a Idade Média. Graças também a essa revolução na ciência, o ser humano tornou-se capaz de explicar e prever com rigor matemático o comportamento de, basicamente, todos os fenômenos naturais até então conhecidos, da queda de uma maçã ao momento e à posição exatos da passagem de um cometa pela Terra. A famosa frase de Francis Bacon (1561-1626) de que “conhecimento é poder” mostrava-se mais verdadeira do que nunca, e o poder de intervenção do ser humano sobre o mundo natural viria a atingir patamares nunca antes imaginados com a Revolução Industrial, que se iniciou no final do século XVIII, trazendo a esperança de amplo conforto material ao alcance de todos.

Entre as principais forças socioeconômicas que levaram a essa revolução, e que carregavam a mesma confiança na capacidade humana de alcançar o progresso, merecem destaque a ascensão da burguesia e o fortalecimento da economia de mercado, dois fenômenos diretamente ligados entre si e acelerados pela Revolução Comercial iniciada no século XII. Tanto a ascensão da burguesia, que culminou com a Revolução Francesa de 1789, quanto o fortalecimento da economia de mercado, que tornaria possível a mobilidade social que a organização socioeconômica medieval não permitia, encontraram apoio em uma agenda filosófica de fundamentação, emblemática na obra do filósofo inglês John Locke (1632-1704), da ideia de que os seres humanos nascem livres e iguais em direitos. Em grande medida inspirado por esse pensador, o movimento iluminista, que apontou para a sociedade francesa do século XVIII os ideais que inspiraram a revolução de 1789 e que defendia o uso da razão como o único meio para emancipar os seres humanos de toda sorte de dogmas, encontrou em palavras do filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804) uma formulação lapidar de seu espírito: “o esclarecimento [*Aufklärung*] é a saída do homem do seu estado de menoridade [...]. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. [...] Tem a coragem de fazer uso do seu próprio entendimento. Tal é o lema do esclarecimento”.

Uma organização socioeconômica que, finalmente, permitia a mobilidade social, uma revolução técnica que prometia um amplo aumento de bem-estar material e um ideário que dizia aos seres humanos que eles eram senhores de seus destinos: o homem moderno tinha bons motivos para olhar para

frente e ficar bastante otimista em relação ao futuro. Entretanto, de meados do século XIX até meados do século XX, uma série de fenômenos contribuiu para que essa confiança fosse abalada: uma grande parcela da população não se via contemplada pelas promessas das revoluções industrial e francesa; o ideal iluminista de autonomia do indivíduo se viu comprometido frente ao surgimento de Estados totalitários e à permanência de um considerável poder de influência da religião sobre os costumes; a forte crise econômica de 1929 levantou, entre muitos, suspeitas sobre o sistema capitalista; e as duas grandes guerras mundiais evidenciaram, de forma traumática e como nunca antes, o poder destrutivo do ser humano. A partir do início dos anos 1950, os seres humanos passaram a olhar menos confiantes para o futuro e a olhar muito mais para o presente. Como observou o pensador francês Jean-François Lyotard, é essencialmente essa mudança de relação com o tempo que marca o início daquilo que se chamou “pós-modernidade”.

Lipovetsky concorda que esse desvio de olhar do futuro para o presente no início do pós-guerra foi, em grande medida, motivado pelo aprofundamento do niilismo contemporâneo, que já havia decretado, com Friedrich Nietzsche (1844-1900), que “Deus está morto”, ou seja, que a crença em Deus e nas diretrizes existenciais que essa crença implicava já não são mais pressupostos da cultura ocidental, e sim objetos de escolha individual. No entanto, para o autor de *A Era do Vazio* (1983), o principal motivo dessa mudança de perspectiva em relação ao tempo apontada por Lyotard não foi espiritual, mas material: o surgimento de uma economia de consumo e de comunicação de massa em um momento de fortaleci-

mento do Estado de bem-estar social, que contribuiu para a universalização do acesso aos bens de consumo naquele período. “A primazia do presente”, afirma Lipovetsky em *Os tempos hipermodernos* (2004), “se instalou menos pela ausência de sentido que pelo excesso”, excesso *do que* é oferecido e de *como* é oferecido para toda a população.

É da conjunção dessa nova condição material surgida no pós-guerra com a desestruturação de antigas formas de regulação social que contribuíam para ditar normas e referenciais de comportamento coletivo que se origina, para Lipovetsky, o que ele chamou em *O império do efêmero* (1987) de “sociedade regida pelo princípio-moda”: uma sociedade hedonista para a qual “tudo o que é novo apraz”, pautada pela renovação constante de modelos e produtos de consumo, cujos consumidores, reivindicando maior liberdade individual e abrindo-se para a exploração e a constituição de uma pluralidade de novas identidades, não podiam mais ser *conduzidos* para o consumo por referenciais coletivos arraigados na tradição, restando ao mercado tentar *seduzi-los* para o consumo através dos mais variados mecanismos: “novidade, hiperescolha, *self-service*, mais bem-estar, humor, entretenimento, desvelo, erotismo, viagens, lazeres”. A sociedade que começava a surgir a partir do início dos anos 1950 era, portanto, uma sociedade aberta a tudo o que fosse novo simplesmente por ser diferente do que era velho, em que o processo de individualização no posicionamento social e existencial dos indivíduos que a constituíam dava origem a uma pluralidade de novos perfis, e o mecanismo gerado pelo mercado para lidar com isso foi o tripé que compõe o que Lipovetsky chama de “sociedade-moda”: efêmero, renovação e sedução.

HIPERMODERNIDADE

Frente a todas essas mudanças, Lipovetsky concorda que um novo período histórico estava surgindo e que era preciso dar-lhe um novo nome. O termo “pós-modernidade”, no entanto, sugeria uma ruptura com a modernidade quando, para Lipovetsky, o que estava nascendo era uma sociedade mais profundamente moderna do que a própria modernidade, caracterizada por um aprofundamento da economia de mercado; uma revolução tecnológica que não apenas alterava o mundo do trabalho, mas que também invadia e modificava o cotidiano; e uma autonomia individual muito maior do que aquela conquistada por seus idealizadores modernos. Acelerado, na década de 1980, pelos avanços da globalização e das tecnologias da informação – que enfraqueceram os estados nacionais e acentuaram ainda mais a autonomia do indivíduo na economia, na sociedade e na cultura –, esse processo de aprofundamento dos pilares modernos deu origem ao que Lipovetsky pensa que deva ser chamado de “hipermodernidade”.

Essa nova sociedade, no entanto, não é “apenas” mais (ou muito mais) moderna do que a modernidade, pois os mesmos fatores que aceleraram o processo de aprofundamento do que era característico do mundo moderno também acentuaram, aponta Lipovetsky, a primazia do tempo presente surgida no pós-guerra pela constituição do que ele chamou de “sociedade-moda”. Ou seja, os avanços da globalização e das tecnologias da informação aceleraram também a dinâmica do tripé “efêmero, renovação e sedução”, fazendo com que o indivíduo contemporâneo se voltasse ainda mais para o presente do que no pós-guerra, em um misto de “angústia frente a um vazio existencial” e de “desejo de renovação constante junto

às mudanças sociais”. Entretanto, na hipermodernidade, essa primazia do presente também convive com um retorno do futuro: não mais como o horizonte de esperança dos modernos, e sim como uma fonte de inquietações constantes, evidenciadas pelo fortalecimento do movimento ambientalista, pelo renascimento dos discursos neonacionalistas e étnico-religiosos frente ao avanço da globalização, pelos debates acirrados sobre previdência etc. Da confiança iluminista na razão como motor do progresso, Lipovetsky afirma que ficamos apenas com a confiança no progresso tecnológico, embora ele reconheça que a sociedade hipermoderna também preserva “um núcleo duro de valores e referenciais da modernidade liberal”, evidenciado pela ainda ampla presença de regimes democráticos ao redor do mundo bem como pela manutenção da ideia de direitos humanos.

FR**NTEIRAS**
DO PENSAMENTO